



Fundação Universidade Federal do ABC

Pró reitoria de pesquisa

Av. dos Estados, 5001, Santa Terezinha, Santo André/SP, CEP 09210-580

Bloco L, 3ºAndar, Fone (11) 3356-7617

iniciacao@ufabc.edu.br

Projeto de Iniciação Científica submetido  
para avaliação no Edital: PIBIC nº04/2022.

**Título do projeto:** O lugar da juventude marginal nos currículos da educação básica: um estudo de caso sobre a influência da Batalha da Matrix nas escolas de São Bernardo do Campo.

**Palavras-chave do projeto:** Currículo; Juventudes; Protagonismo; Batalha da Matrix.

**Área do conhecimento do projeto:** Licenciatura em Ciências Humanas/ Educação/Arte

## Sumário

1 Resumo	2
2 Introdução e Justificativa	2
3 Objetivos	5
3.1 Objetivo Geral	5
3.2 Objetivos Específicos	5
4 Metodologia	5
5 Cronograma de atividades	6
Referências	7

## 1 Resumo

O presente projeto de iniciação científica tem por objetivo compreender a que nível o currículo do ensino básico para as escolas públicas do estado de São Paulo permite com que as juventudes de classes subalternas tenham espaço para expressar sua identidade cultural em sala de aula. Para tanto, a pesquisa irá adentrar o espaço cultural da Batalha da Matrix, em São Bernardo do Campo, e em escolas de educação básica da mesma cidade, buscando entender em que medida o currículo escolar trabalha próxima às realidades dos estudantes e permitem com que estes ocupem um lugar de protagonismo. Alicerçada à pesquisa-participante, bem como um apoio teórico acerca da temática apresentada, pretende-se, ao final da pesquisa, diagnosticar formas em que as práticas educativas da região funcionem como suporte nos processos de construção de identidades e projetos de vida dessas juventudes.

## 2 Introdução e Justificativa

Sabemos que no Brasil, historicamente, a educação foi esquematizada para excluir as classes mais pobres, um sucateamento proposital se fazia instaurado na sociedade brasileira, o que se estende até a atualidade. Com a obrigatoriedade da escolarização no Brasil a partir da Constituição de 1934, devido à propagação dos ideais modernos de racionalidade, abriram-se as portas para o ensino no país. No entanto, se tratava de um ensino muito específico: europeizado, atrelado às correntes iluminista e positivista, as quais traziam a educação como única, universal e acrítica, desatrelada à realidade local, além de tratar o estudante como “sem luz” - uma falsa etimologia da palavra “aluno”, muito disseminada acerca dos ideais modernos do Iluminismo - a fim de propagar uma visão progressista em que o estudante não passa de um receptor passivo do conhecimento trazido pelo professor para a sua evolução, reforçando a ideia de um ser cuja participação e protagonismo não possuem importância. Desse modo, especialmente no que concerne às classes subalternas brasileiras, a educação sempre se mostrou com uma intencionalidade muito nítida: a dominação, a subserviência e o emudecimento.

Os modelos curriculares desenvolvidos na educação básica, ainda hoje, continuam - de maneira geral - pautados em parâmetros eurocêntricos e excludentes. Durante a minha vivência escolar como aluna de escola pública, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio,

no município de São Bernardo do Campo, tive acesso apenas a uma visão de mundo, segregadora e compreendida como a única possível, sendo quaisquer outros saberes considerados inválidos. As nossas experiências reais enquanto jovens da periferia deste município, o nosso lugar de vivência, nossos saberes e as nossas produções culturais não eram considerados como contextos potentes para o diálogo entre os conteúdos curriculares e a realidade social, econômica e cultural do nosso país.

As disciplinas da licenciatura cursadas até o momento na UFABC nos provocaram a compreender que todo processo educacional deveria ter como princípio o fato de que as múltiplas e diversificadas experiências e práticas culturais interferem no processo de aprendizagem, pois um aluno quando adentra o ambiente escolar não deixa para fora dos muros sua bagagem. Suas vivências e sua forma de ver o mundo estão presentes e se relacionam com a sua forma de aprender. Como salienta Arroyo (2011):

O currículo é tratado como se fosse possível a separação entre experiência e conhecimento. A produção do conhecimento é pensada como um processo de distanciamento da experiência, do real vivido, o real pensado seria construído por mentes privilegiadas através de métodos sofisticados, distantes do viver cotidiano, comum. Logo, o conhecer visto como um processo distante do homem e da mulher comuns, do povo comum; distante até do docente que ensina o povo comum. Todos eles – povo, mestres – são vistos como incapazes da produção do conhecimento porque estão atolados na sobrevivência, no real vivido. Consequentemente, serão apenas capazes de produzir o saber da experiência comum, do senso comum. (ARROYO, 2011, p. 116.)

Um ensino deslocado da realidade é, portanto, um ensino vazio e mecânico, que desumaniza e trata os alunos como meros receptores. Concordamos com Corazza (2009, p. 92) quando ressalta que o nosso dever - como docentes da diferença - é reconhecer que as práticas pedagógicas não podem ser desconexas com a realidade dos sujeitos, abrindo espaço para que se desfaça o lugar do professor como detentor de todo o conhecimento e que seja construído um processo de ensino e aprendizagem que considere as experiências prévias do grupo, uma vez que a construção das subjetividades também implica nos processos educativos.

Ao se tratar de jovens que integram as classes subalternas, essa realidade se torna ainda mais escancarada, como expressado por Thiago ElNiño em sua composição: *Eu não quero mais estudar na sua escola // Que não conta a minha história, na verdade me mata por dentro* (ELNIÑO; 2017). É necessário, portanto, uma prática pedagógica alicerçada em um currículo que esteja atrelado à realidade do coletivo.

Considerando o protagonismo juvenil como fator fundamental para a construção de uma educação emancipatória, ele não pode ser excluído do currículo escolar. De acordo com Carrano & Dayrrel (2014), o protagonismo pode se dar por diversas vias, sendo os grupos culturais, uma das principais, pois por meio das artes, da música, dos palcos, da poesia, estes jovens são capazes de recriar as possibilidades que lhes são dadas de viver e pensar o mundo.

Por meio da música ou da dança que criam, dos shows que fazem ou dos eventos culturais que promovem, eles colocam em pauta, no cenário social, o lugar do jovem, principalmente no caso dos mais empobrecidos. Para esses jovens, muitas vezes destituídos por experiências sociais que lhes impõem uma identidade subalterna, o grupo cultural é um dos poucos espaços de construção da autoestima, possibilitando-lhes identidades positivas. Eles

querem ser reconhecidos, querem visibilidade, enfim, querem ser alguém em contextos que, comumente, os tornam invisíveis, ninguém na multidão. Assim, os jovens buscam um lugar na cidade, transformando-a em espaço urbano de uso coletivo e usufruindo desses espaços. (CARRANO; DAYRELL, 2014, p. 116.)

A Batalha da Matrix, em São Bernardo do Campo, é um dos mais importantes símbolos culturais e de resistência da juventude periférica em contexto nacional e carrega consigo uma contradição histórica de acontecer na praça da Igreja Matriz da cidade. Contradição ou ironia, o fato da igreja católica ter sido grande responsável pela propagação de uma visão de mundo que exclui as juventudes as quais hoje tomam seu espaço para dar visibilidade a um símbolo de resistência contra a hegemonia cultural e difundir a cultura hip hop como um movimento de luta e conscientização das camadas populares, mostra que é possível subverter o espaço público criando novos significados, e que, por convenção, subverter o significado negativo da escola entra no campo das possibilidades também, viabilizando, inclusive, que a experiência vivida seja transformada em uma experiência pedagógica (ARROYO, 2013).

Para Campos (2019), as batalhas de rap aparecem como locais [para eles, lugar] que utilizam a vivência dos jovens periféricos como impulsionadora do protagonismo juvenil, seja para estimular produções autorais, seja para formar uma noção [explícita na prática] de coletividade social, a qual ensina através da apreensão do real vivido pelos jovens que as frequentam, bem como pelo reconhecimento de si no outro. Dessa maneira, podemos compreender o hip hop como movimento impulsionador de um duplo processo educativo, que se retroalimenta a partir da educação política e a educação alternativa.

Pensando em um território ocupado e que resiste a diversas investidas da força policial semana após semana, como é o caso da Batalha da Matrix, é possível compreender esses espaços em seu caráter pedagógico, que ensina mesmo sem intenção. Mas para além disso, é nosso objetivo pensar em que medida esses territórios marginais são incorporados nos currículos escolares.

Esta pesquisa parte, assim, do pressuposto de que a cidade é um espaço educativo e que os jovens estão aprendendo e se formando ao vivenciarem os seus diversos espaços, incluindo ambientes de manifestações culturais, políticas e de lazer (Bernet, 1997; Dayrell, 2001; Carrano, 2003; Cavalcanti, 2015). De acordo Bernet (1997), a cidade contém espaços formais de educação, que são as instituições de ensino (escolas e universidades), os espaços informais que configuram bibliotecas, museus, cursos profissionalizantes promovidos por organizações diversas, e também os espaços não formais de educação, que são os espaços vividos no cotidiano, o bairro, as ruas, as praças.

Para Cavalcanti (2015), os jovens ressignificam os espaços da cidade a partir de suas presenças e atividades que neles realizam. Podemos dizer, portanto, que esse é o caso da Praça da Matriz de São Bernardo do Campo ao ser ocupada pelos jovens periféricos para a realização da Batalha da Matrix. Ao participar desta produção cultural, esses jovens não apenas ocupam o espaço, mas também constroem saberes e conhecimentos que contribuem para a sua formação social, política e intelectual. Esses saberes e conhecimentos produzidos nestes espaços são considerados como conteúdos pelos currículos escolares? Em que medida as escolas reconhecem e valorizam esses espaços não formais de educação como importantes na formação dos jovens?

É diante da compreensão sobre a importância desses espaços não formais de educação, que a presente pesquisa toma forma com o objetivo de compreender em que medida o currículo do ensino básico permite com que estas juventudes marginais possam expressar sua identidade em sala de aula.

Para atingir tal objetivo, será necessário o aprofundamento teórico acerca das temáticas desta pesquisa, incluindo territórios educadores, protagonismo juvenil, culturas marginais e currículo escolar. Os dados analisados serão coletados a partir de pesquisas de campo, por meio das quais entrevistaremos jovens que integram a cena hip hop e frequentam a Batalha da Matrix, bem como professores e coordenadores pedagógicos a partir de roteiros semi-estruturados.

### 3 Objetivos

#### 3.1 Objetivo Geral

O objetivo geral da presente pesquisa está centrado na análise da Batalha da Matrix, que ocorre na praça da Igreja Matriz em São Bernardo do Campo, a qual possui influência direta e indireta dos grupos culturais no que diz respeito à educação no município de São Bernardo do Campo, a fim de compreender a que nível o currículo do ensino básico permite com que as juventudes marginais que nele se encontram possam expressar sua identidade em sala de aula e ter seus espaços de expressão compreendidos como territórios educativos.

#### 3.2 Objetivos Específicos

- Analisar a praça da Igreja Matriz em São Bernardo do Campo como um território educativo à medida que ali acontece a Batalha da Matrix.
- Entender a Batalha da Matrix como um instrumento de reconhecimento social e político para as camadas populares de São Bernardo do Campo;
- Apreender o olhar de professores e gestores pedagógicos acerca da Batalha da Matrix e o seu reconhecimento e valorização na escola;
- Compreender como a arte e a luta social podem se associar a um projeto educacional para as juventudes periféricas;
- Aprofundar nos estudos sobre espaços educativos não formais e a relação com a escola e com o currículo.

### 4 Metodologia

Para o desenvolvimento desta pesquisa, daremos continuidade ao levantamento bibliográfico e as leituras a respeito de temas que abordem a presente proposta, incluindo o aprofundamento da leitura referente à temática da pesquisa-participante como modalidade metodológica a partir de Brandão (1999), Becker (1983) e Lacoste (1985). Esses autores defendem o compromisso do pesquisador com a causa ou grupo estudado e ressaltam que o pesquisador não deve se colocar apenas como mero observador, afastado da realidade que está pesquisando.

A coleta dos dados será realizada a partir da realização de entrevistas com jovens periféricos que frequentam a Batalha da Matrix na praça da Igreja Matriz e com professores de escolas públicas, as quais serão estruturadas com base nos métodos da pesquisa qualitativa seguindo um roteiro semi-estruturado de questões. Isso significa que os dados coletados serão pesquisados, analisados e interpretados do ponto de vista da qualidade e não da quantidade.

1. *Etapa 1 — Aprofundamento dos estudos sobre as temáticas da pesquisa e formação para prática científica*
  - a. Etapa 1.a. Leituras e encontros com a orientação da UFABC, formação específica para a prática científica, reuniões quinzenais com o grupo de iniciação científica;
  - b. Etapa 1.b. Encontros de orientação individualizada sobre o projeto;
  - c. Etapa 1.c. Realização de levantamento bibliográfico, a partir do acesso às bibliotecas virtuais.
2. *Etapa 2 — Realização das entrevistas com jovens que frequentam a Batalha do Matrix e com professores da rede pública de ensino de São Bernardo do Campo*
  - a. Etapa 2.a. Elaboração do roteiro semi-estruturado para a realização das entrevistas;
  - b. Etapa 2.b. Realização das entrevistas;
  - c. Etapa 2.c. Transcrição e análise das entrevistas;
3. *Etapa 3- Sistematização Parcial*
  - a. Etapa 3.a. Redação do relatório parcial a sistematização dos dados coletados a partir das entrevistas à luz dos referenciais teóricos estudados
4. *Etapa 4 — Sistematização do trabalho final*
  - a. Etapa 4.a. Redação do relatório final
  - b. Etapa 4.b. Elaboração de trabalhos para apresentação em congressos de iniciação científica.

[illegible]

1.b.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
1.c.	X	X	X	X	X	X	X					
2.a.		X										
2.b.			X	X								
2.c.					X	X						
3.a.						X	X	X				
4.a.									X	X	X	
4.b.												X

## Referências

ARROYO, Miguel G. ***Histórias de não esquecimentos, de reconhecimentos de jovens e adolescentes.*** In: Currículo, território de disputa. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. p. 231-244.

BECKER, Howard. ***Métodos de pesquisa em ciências sociais.*** São Paulo: Hucitec, 1994.\

BERNET, J. T. ***Cidades educadoras: Bases conceptuales.*** In M. S. Zainko (Org.), Cidades educadoras (p. 13-34). Curitiba: Editora da UFPR, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. ***A pesquisa participante.*** São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. ***A pesquisa participante: um momento da educação popular.*** Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007

CAMPOS, Felipe O. ***Cultura, espaço e política: um estudo da Batalha da Matrix de São Bernardo do Campo.*** Dissertação de Mestrado - Filosofia. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

CORAZZA, Sandra. O docente da diferença. Rio de Janeiro: ***Periferia, 2009.*** Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/3422/>

CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez. ***Quem é este aluno que chega à escola?*** In: Juventude e ensino médio. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 102-133.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. ***Juventudes e cidades educadoras.*** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003. CARRANO, Paulo C. R.. Jovens, territórios e práticas educativas. Revista Teias, v.12, nº 26, p. 07-22. Set./Dez. 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. ***Os jovens, a escola e suas práticas espaciais: jovens escolares e sua geografia: práticas espaciais e percepções no/do cotidiano da cidade.*** In: CAVALCANTI, L. S., CHAVEIRO, E. S., PIRES, L. M. (org.) A cidade e seus jovens. Goiânia: Editora PUC Goiás. 2015. p. 12-29.

DAYRELL, J. ***A escola como espaço sócio-cultural.*** In: DAYRELL, J. (org.) Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2001. p. 136-161.

ELNINO, Thiago. ***Pedagogia. Produção Independente***: Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IEM-zYi7hcs>. Acesso em: junho de 2022.

FOUCAULT, Michel. ***De espaços outros. Estudos Avançados*** [online]. 2013, v. 27, n. 79, pp. 113-122.

LACOSTE, Yves. ***A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos***. In: Seleção de textos. no 11 - Teoria e Método. São Paulo: AGB, 1995.